

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15999 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

Tradição e formação humana na perspectiva da práxis dialógica

Enrique Sérgio Blanco - UPF - Universidade de Passo Fundo

Albino Nhaposse - UnB - Universidade de Brasília

Rodinei Balbinot - UPF - Universidade de Passo Fundo

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

TRADIÇÃO E FORMAÇÃO HUMANA NA PERSPECTIVA DA PRÁXIS DIALÓGICA

RESUMO: No campo da educação, a tradição está associada, normalmente, à transmissão de conhecimentos considerados como verdades inquestionáveis a serem *passadas* aos estudantes por meio do poder assimétrico exercido pelo docente. Por outro lado, há uma possibilidade para pensar como a tradição poderia estar associada a processos formativo de forma distinta. Trata-se da compreensão proposta pela hermenêutica filosófica da Hans-Georg Gadamer, isto é, o sentido anônimo da tradição, que não está associado à autoridade de uma pessoa, mas diz respeito ao que nos é legado anonimamente: “O que é consagrado pela tradição e pela herança histórica possui uma autoridade que se tornou anônima” (Gadamer, 1999, p. 421). Gadamer procura chegar ao momento em que a “tutela” exercida pelo educador ao educando não se faz mais necessária, pelo fato de o educando ter alcançado sua maioridade, isto é, seu “amadurecimento da maioridade” (Gadamer, 1999, p. 421). Assim, exploraremos como o sentido anônimo da tradição, no sentido exposto pela hermenêutica filosófica, pode contribuir para a formação humana na perspectiva da práxis dialógica, desenvolvida enquanto diálogo vivo, tal como sustenta Hans-Georg Flickinger, em sua pedagógica hermenêutica (2010).

PALAVRAS-CHAVE: Diálogo Vivo. Formação Humana. Hermenêutica filosófica. Tradição.

Gadamer procura reabilitar a tradição e os preconceitos no sentido de permitir que o sujeito tenha uma experiência compreensiva ampla de si, do outro e da realidade. “Se se quer fazer justiça ao modo de ser finito e histórico do homem, é necessário levar a cabo uma drástica reabilitação do conceito do preconceito e reconhecer que existem preconceitos legítimos” (Gadamer, 1999, p. 416). Preconceitos legítimos são aqueles que servem como condição de busca pela verdade, isto é, os preconceitos que constituem nossa pré-estrutura compreensiva em relação a qual devemos nos manter abertos. Como Silva explica, Gadamer considera o sentido crítico e inovador do preconceito, de modo que “os preconceitos da razão humana histórica têm um carácter dialógico, provisório e processual” (Silva, 2009, documento on-line). Desse modo, assumimos a concepção gadameriana de preconceito, na

perspectiva da hermenêutica filosófica, mas a grafamos como “pré-conceito”, bem como, “pre-juízo”, ambos conceitos com aspas, para diferenciá-los das ideias de discriminação e de dano ou perda, respectivamente. Assim, além de “pré-conceitos”, empregamos “pré-juízos” como instâncias prévias dos atos de conceituar e de ajuizar, que fazem parte da pré-estrutura da compreensão do sujeito, tendo por base a hermenêutica filosófica da Gadamer. “Se a tradição é fonte de preconceitos, por outro lado, é por meio dela que Gadamer aponta uma possível solução para a questão da legitimidade dos preconceitos. Afinal, a compreensão trata sempre do encontro entre os preconceitos do intérprete e o que é compreendido” (Wu, 2004, p. 191). Nesse sentido, assumir o valor da tradição para os processos formativos implica compreender o valor da história efetual (*Wirkungsgeschichte*), como dimensão que continua afetando e produzindo seus efeitos sobre nós, no presente. Como Wu (2004) ressalta, o passado está *presente* no momento que interpretamos e compreendemos, de modo que a “relação com o passado é a ponte que permite compreender-se a atuação da tradição, não mais como um momento velho e estéril, o qual pode ser deixado de lado, mas como aquilo que está presente em toda compreensão (Wu, 2004, p. 182). Dessa maneira, para que possamos avaliar o papel da tradição nos processos formativos, devemos analisar o lugar dos pré-conceitos e pré-juízos na relação que se estabelece entre educador e educando. Seria possível que tal relação pudesse ser experimentada durante o diálogo vivo entre os sujeitos em espaços formativos? Um processo dialógico que levasse em conta o valor da historicidade em relação ao que sabemos? “Ao encontrar na linguagem e nos diálogos vivos seu âmbito principal de expressão da verdade, a doutrina de compreensão – esse é o significado da hermenêutica – leva-nos a entender a inevitável historicidade de nosso saber” (Flickinger, 2010, p. 2). Apostar no diálogo vivo, em sua perspectiva hermenêutica, como ressalta Flickinger, permite que possamos compreender nossas próprias limitações: “Tornar transparente o caráter provisório de nossas supostas certezas é um de seus objetivos principais. Com isso, a verdade revela-se por meio da avaliação crítica das pretensões de verdade, defendidas pelos parceiros” (Flickinger, 2010, p. 2). Portanto, o diálogo vivo faz com que descentremos nossas certezas por meio do confronto com o outro e compreendamos que somos seres históricos e finitos, permitindo que possamos reavaliar nossas verdades e certezas tidas como indubitáveis (Blanco, 2023). Assim, entendemos que ao contextualizar o diálogo vivo nos espaços formativos, os interlocutores podem ter condições de avaliar criticamente suas “pretensões de verdade” (Flickinger, 2010, p. 2).

O método empregado neste trabalho é o círculo hermenêutico enquanto “‘estrutura circular’ fundamental da compreensão” (Coreth, 1973, p. 81). Portanto, tendo por base a hermenêutica filosófica, buscamos compreender como a tradição é assumida pela hermenêutica gadameriana e de que modo ela pode estar vinculada à formação humana na perspectiva da práxis dialógica em sala de aula, no sentido de permitir que tanto os estudantes como os docentes possam reavaliar suas formas de ser, pensar e agir, quando suas pré-estruturas compreensivas são colocadas à prova por meio do diálogo vivo com o outro (Flickinger, 2010, 2023; Blanco, 2023). Exploramos, assim, as relações entre os conceitos de tradição, pré-conceitos e pré-juízos e a proposta de práxis pedagógica do diálogo vivo,

vivenciado durante os processos de formação humana. Procuramos mostrar a plausibilidade e a viabilidade do jogo dialógico hermenêutico intersubjetivo de perguntas e respostas, enquanto dinâmica que busca evidenciar e trazer à tona, de forma dialética e dialógica, os pré-juízos e os pré-conceitos dos sujeitos, a fim de que possam reavaliar suas formas de ser, pensar e agir.

Nosso foco é discutir e compreender como os pré-conceitos e os pré-juízos que constituem a tradição e as histórias de vida dos sujeitos podem ser trabalhados por meio da práxis pedagógica do diálogo vivo, vivenciado por docentes e estudantes nos espaços de formação. Para tanto, partimos da ideia de que a tradição exerce um papel fundamental nos processos formativos, pois ela não representa um passado morto e superado, já que sofre transformações pelas quais passam os sujeitos durante seus processos formativos, especificamente, em relação aos seus modos de pensar e agir. Como nos diz Gadamer: “O modo como vivenciamos uns aos outros, como vivenciamos as tradições históricas, as ocorrências naturais de nossa existência e do nosso mundo, é isso que forma um universo verdadeiramente hermenêutico” (1999, p. 35). Assim, em vez de percebermos nossa condição hermenêutica como uma barreira intransponível, devemos entendê-la enquanto possibilidade de abertura ao mundo. Nesse sentido, é possível considerar que ao reconhecer a presença da tradição durante a experiência de abertura compreensiva que compartilhamos com o outro, temos condição de interpretar e reavaliar, no presente, nossas vivências pretéritas durante a relação dialógica (Blanco, 2023). Como ressalta Flickinger, “O saber prévio, a formação e o hábito influenciam não só na definição de interesses senão também na interpretação da situação e da temática concretas, assim como na reação oportuna ou não dos coadjuvantes” (2010, p. 56). Flickinger enfatiza a importância dos “fatores subjetivos”, como nossos hábitos e saberes prévios, para interpretação das situações concretas com as quais nos deparamos, de modo que: “Subjaz, portanto, ao diálogo uma lógica própria de produção do saber; daí a importância de sua função pedagógica”(Flickinger, 2010, p. 56). Durante o diálogo vivo, passamos pela experiência ética da escuta e da resposta, o que nos coloca à prova perante o nosso interlocutor. “Pôr os próprios preconceitos à prova é sempre uma experiência dialética e dialógica, ou seja, para que a tradição apareça em ‘seu sentido próprio e diferente’, é necessário que o intérprete confronte seus próprios preconceitos com a tradição por meio de um questionamento” (Wu, 2024, p. 185). Portanto, ao reconhecer que somos seres históricos, a tradição assume um valor efetivamente dialético e dialógico que nos motiva ao autoquestionamento. Nesse sentido, Gadamer enfatiza, “*Ser histórico quer dizer não se esgotar nunca no saber-se*. Todo saber-se procede de um dado histórico prévio (1999, p. 451, grifo do autor). A história efetual carrega, como bem expressou Grondin, uma “sutil ambiguidade” (1999, p. 191), que é própria da condição humana e de sua finitude. A “sutil ambiguidade” consiste “em primeiro lugar, a exigência por um esclarecimento dessa nossa historicidade, no sentido da elaboração da nossa situação hermenêutica, mas também e sobretudo um dar-se conta dos limites estabelecidos para esse esclarecimento” (Grondin, 1999, p. 192). Portanto, a tradição continua atuando sobre os sujeitos enquanto história efetual, trazendo o horizonte histórico de forma produtiva para a situação hermenêutica

presente do intérprete, permitindo que ele compreenda sua situação atual e possa agir sobre ela, tendo consciência da tradição que age sobre ele e o outro. “O tempo não é primeiramente um abismo que se deve ultrapassar porque separa e distancia. É na verdade o fundamento sustentador do acontecer, onde se enraíza a compreensão atual” (Gadamer, 2002, p. 79). Desse modo, em vez de querer superar o valor do horizonte histórico para o nosso processo compreensivo, “o que importa é reconhecer a dimensão temporal como uma possibilidade positiva e produtiva da compreensão” (Gadamer, 2002, p. 79).

Os resultados da análise hermenêutica filosófica proposta neste trabalho nos permite compreender como o diálogo vivo construído entre docentes e estudantes pode ser um eixo para o qual convergem a tradição e os pré-conceitos e pré-juízos dos sujeitos autoimplicados na práxis pedagógica, no sentido de contribuir para que possam reavaliar seus modos de ser, pensar e agir. Para tanto, partimos do princípio de que a tradição aplicada aos processos formativos tem um lugar de destaque nesse processo, devido aos efeitos que ela exerce sobre nós durante o jogo dialógico de perguntas e respostas. No dizer de Grondin (1999, p. 191), a história efetual “determina a retaguarda das nossas valorações, dos nossos conhecimentos e até dos nossos juízos críticos”. Por isso, “não conseguimos escapar da tradição, pois estamos irremediavelmente inseridos nela. E por encontrarmo-nos sempre inseridos na tradição, temos que considerar que somos sempre o produto e herdeiros dessa tradição” (Santiago; Miranda, 2019, p. 46). Mas, por outro lado, a própria tradição também não escapa da sua reconstrução histórica, pois pelo fato de estar presente no acontecer de nossas relações com mundo, sofre as transformações decorrentes do diálogo com o mundo fático, que a torna viva e atual. Com isso, acreditamos que a hermenêutica filosófica gadameriana reestabelece a importância da tradição para os processos formativos, de modo que ela assume um papel relevante nas relações que ocorrem entre educador e educandos.

Busca-se como conclusão deste trabalho apresentar as possibilidades formativas para educadores e educandos decorrentes da contextualização de determinados aspectos da hermenêutica filosófica da Gadamer, especificamente, os conceitos de tradição, de história efetual, de pré-conceitos e de pré-juízos, relacionando-os à práxis pedagógica do jogo de perguntas e repostas mediada pelo diálogo vivo. Como foi exposto, a tradição possibilita o diálogo com o passado, pois nos ajuda a ampliar a leitura do presente e projetar o futuro. A tradição nos permite compreender que: “somos sujeitos históricos e que fomos condicionados pelos fatores de um determinado momento histórico, ou seja, pela cultura, pela educação, pela religião, enfim, pela própria tradição” (Santiago; Miranda, 2019, p. 55). Nesse sentido, a formação humana tem relação direta com o que está historicamente construído, mas vai além, pois implica um processo de autoformação compartilhado com o outro: “Ver a si mesmo e seus fins privados significa: vê-los como os outros os vêem (sic)” (Gadamer, 1999, p. 58). Nesse sentido, a formação humana em seu sentido hermenêutico se constrói não de forma dogmática ou determinista, mas dialoga constantemente e de forma viva com o novo, pois mantém aberta a escuta ao diferente, o que nos conduz ao autoexame crítico mediado pelo diálogo vivo.

REFERÊNCIAS

- Blanco, E. S. **O desenvolvimento do pensar crítico e o diálogo vivo: possibilidades de uma pedagogia hermenêutica**. Orientador: Bettina Steren dos Santos. 2023. Tese (Doutorado) – Escola de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Rio Grande do Sul, 2023. Acesso em: 19 jul. 2024. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/10688>.
- Coreth, E. **Questões fundamentais de hermenêutica**. São Paulo: EPU, Ed. da USP, 1973.
- Flickinger, H-G. **A caminho de uma pedagogia hermenêutica**. Campinas: Autores Associados, 2010.
- Flickinger, H-G. **Hermenêutica filosófica e formação humana: uma simbiose indissolúvel**. In: Dalbosco, C.; Maraschin, R., Devechi, C. P. V. (Org.). Educação formadora. 1 ed. Porto Alegre: EDIUPF, 2023, v. 1, p. 56-78. Disponível em: https://www.upf.br/_uploads/Conteudo/EDUCACAO_FORMADORA_PDF.pdf. Acesso em: 19 jul. 2024.
- Gadamer, H-G. **Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- Gadamer, H-G. **Verdade e método II: complementos e índice**. Trad. Ênio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2002.
- Grondin, J. **Introdução à hermenêutica filosófica**. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 1999.
- Santiago, L. L. M.; Miranda, L. U. **O conceito de tradição na hermenêutica filosófica de Gadamer**. In: HYBRIS: Revista de Filosofia. Vol. 10. Nº. 01. 2019. Disponível em: <https://revistas.cenaltel.cl/index.php/hybris/article/view/272>. Acesso em: 06/07/2024.
- Silva, M. L. P. **Preconceitos**. In: E-DICIONÁRIO de termos literários. Lisboa, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/preconceito/>. Acesso em: 18 jul. 2024.
- Wu, R. **A experiência como recuperação do sentido da tradição em Benjamin e Gadamer**. Anos 90, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p.169-198, jan./dez. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/6355>. Acesso em: 16 jul. 2024.